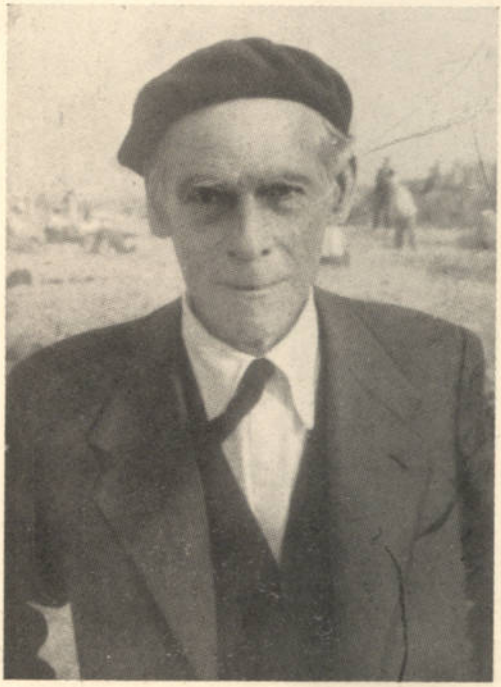
TEIXEIRA DE PASCOAES

ÚLTIMOS VERSOS

CANCIONEIRO
GERAL
CENTRO BIBLIOGRÁFICO
LISBOA
1953

L
41560

L
H1560



BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ÚLTIMOS VERSOS

ESTE LIVRO É O DÉCIMO TERCEIRO VOLUME DO *CANCIONEIRO GERAL*, E DELE SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 40 EXEMPLARES NUMERADOS, EM PAPEL L1, COM A REPRODUÇÃO DE UMA PÁGINA DO ORIGINAL DACTILOGRAFADO, CORRIGIDA À MÃO PELO AUTOR, E UM SEU RETRATO

EXEMPLAR ESPECIAL N.º

TEIXEIRA DE PASCOAES

ÚLTIMOS VERSOS

CENTRO BIBLIOGRÁFICO
LISBOA
1953

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
200052 *16.III53

Oração

O outono é primavera

Frutificada. E o sentimento

~~Esparso, no ar,~~ do amor, e

~~Em perfume de flôr,~~ O

~~Enevoando~~ o

~~O azul da Helenia,~~ e

Cristalisou, ando, se

~~E se~~ tornou incandescente.

É o coração acêzo

De Cristo,

O novo sol.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

NOTA PRELIMINAR

Está o presente livro datado de Agosto de 1952 e com outro, anteriormente anunciado, Versos Brancos, *constitui o espólio poético de Teixeira de Pascoaes. Depois de um quarto de século, aliás preenchido por larga actividade de prosador, o poeta voltara a cantar. E ele próprio, daqueles dois livros, escolheu este e no-lo entregou, para a colecção em que se inclui. Não sai mais tarde nem mais cedo do que estava previsto. Só não previámos nós que viria a ser um nosso preito póstumo ao seu autor o que, antes, foi uma honra que nos deu.*

Não cabe aqui exaltar o poeta, como em sua vida não caberia, nem tão-pouco chorar-lhe a morte, que, de algum modo, nestas páginas se desdiz, mas apenas dar ao público o que ele ao público destinava. O que não podem é deixar de louvar-se da camaradagem opulenta os confrades mais novos e mais modestos, seus admiradores, com quem a Teixeira de Pascoaes aprouve ombrear.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ÚLTIMOS VERSOS

BANCO DE PEDRA

Sòzinho, neste banco
De pedra, como a Arábia,
Contemplo o Tâmega e o Marão.
E logo me aparecem
Figuras rústicas
De camponeses.
Escondem-me a paisagem,
Pois todos me rodeiam, a falar.
Há-os loiros e morenos,
E amarelos,
E negróides,
Que este bom povo
Da minha aldeia
Parece resumir a Humanidade.
E todos se lastimam da pobreza,
O eterno assunto
Dos pobres.
E o dos poetas é a poesia,
A fome, a fome.
Mas beber...
Bebem sangue de Cristo.
E abençoam, por isso,

Quem o matou.
O italiano, que é mais fino,
Bebe-lhe as lágrimas,
Lacrimæ Christi.
Vi esse vinho, exposto à venda,
Em garrafas que têm
Num rótulo benzido,
A sacra Imagem,
Coroada de espinhos.

E os camponeses
Todos me falam,
E cada um na sua língua,
Como os pedreiros
Na Torre de Babel.
E a nossa língua não será
Qual síntese suprema
Das línguas em que o Demo
Discursa às almas do Senhor?

E, pela estrada, passam
Camiões carregados de pinheiros,
E belos automóveis com ninguém.
E, nos dias de feira,

Juntas de bois sagrados,
Bezerros de presépio,
E vacas maternais...
E mulheres com bácoros, ao colo,
E pequeninos filhos, atrás delas.
E velhos arrastando
Os pés, e raparigas
Trilhando o ar, vestidas de ar.
E criancinhas
Com molhos de achas à cabeça;
E com molhos enormes de caruma
Idosas bruxas do Zinguelho.
E outras que representam
Encarnações sinistras da estiagem.
Levam, ao ombro, engaços reduzidos
A cabos de vassoura,
E às queixadas de pau, tão erriçadas
De férreos dentes!
Rapam os montes,
Todos os dias.
Vão-nos roendo, até que deles fiquem
Areia e pedras.

Passa o cortejo das viúvas,
Todas de negro e tristes,

Isto é, beatas...
E, se do próximo murmuram,
É numa voz remota,
Ou de oração.
Todas em lenta procissão do Enterro,
Enchem a branca estrada,
Que liga o altar de São Gonçalo
Ao alto do Ladário.
Passam mendigos e mendigas...
Um meu *irmão de leite,*
A andar em quatro pernas,
Umas, de pau, outras, de carne e osso,
Ou osso apenas.
E a Maria Zé,
Também só osso e musgo
A sair das rugas, que lhe cavam
O comprido rosto...
Filha da Roda já extinta,
A olhar em frente,
Erecta e firme,
Mostra não sei
Que aristocrática atitude
A dominá-la da maneira
Mais esquelética.
E outras figuras
Da trágica velhice miserável,

Esvoaçantes, ao vento, de farrapos,
E num murmúrio
De rezas tão desgastas
Como as do mesmo vento.

A tarde cai...
Esvaem-se as figuras. E outra vez
Estou, a sós comigo,
Neste banco de pedra, ante o Marão.
E a sagrada montanha
Começa a coroar-se das primeiras
Estrelas que ainda brilham,
A medo, receosas
De que o Sol volte para trás.
E uma tristeza de Virgílio
Sobe das cousas para o céu.
E, nesse vago sentimento,
Almas e cousas nos revelam
A mesma intimidade...

O CRIME

Quem não é filho de Caim?
Abel não deixou filhos.
Mas, em Caim, havia Abel.
E somos todos
A vítima e o carrasco
No mesmo ser...
A criatura e o criador
Na mesma fera,
O pecado e o remorso
No mesmo Deus.

MISÉRIA

Quando penso que existo
Como existem as moscas,
Perco, por mim, todo o respeito.
Caio na mais terrível humildade,
Que é o máximo desprezo,
Que a nós próprios dedicamos,
Uma descida ao fundo vão de tudo...
Esse ínfimo conceito que fazemos
De nosso ser, ante o espectáculo
Das cousas,
Redu-las à miséria das misérias.
E, assim falando,
Revelo o quer que é
De superior
À mísera existência,
E dependente dela, ao mesmo tempo.
Sou quase um ente
Supraterrestre...
Mas este *quase* me sujeita
À minha triste condição.
E deste modo se indefine
O definido... E o ilimitado
Se limita.

E apenas descobrimos horizontes,
Linhas e linhas circulares,
Umas às outras sucedendo-se...
Zeros e zeros a seguir
A um número Um
Irradiante
De pitagórico prestígio:
Ou simples zeros
Em número infinito?

VELHICE

Num velho tudo é velho, excepto aquele
Botão de rosa
Que ele traz na lapela do casaco.
Botão de rosa! Ó Primavera!
A Primavera é a Grécia
Da Natureza. Roma é já o Outono,
Virgílio enamorado
Das lágrimas das cousas
E do silêncio do luar...
Estou a vê-lo,
Pálido e triste, coroado
De murchas flores,
Nas alturas da Roma imperial,
Ao pôr do sol...

E quantas vezes, o botão
De rosa lhe transita
Da lapela para a alma.
E o pobre velho resplandece.
É jovem, nesse instante,
Primaveril.

E pousa-lhe, na calva,
A cotovia,
A cantar,
Tendo, no bico,
Como as rolas têm um rere,
A estrela de alva.
Ó rosa aberta!
Ó coração de Cristo sobre o peito!
E o de Apolo
Também a latejar, em pleno céu.
O de Jesus
Aquece as almas e alumia,
Como o de Apolo aquece os corpos,
E rasga as trevas...
Em Jesus, há pintura,
E escultura em Apolo.
A nossa alma, que painel!
E o nosso corpo aspira
Marmòreamente
A um pedestal. A estatuária é grega,
E a moral hebraica.
Temos Fídias e Paulo,
A encarnação e o verbo. Mas o verbo
Não se faz carne;
É a carne que se faz
Verbo imortal.

A ideia de ave
Foi chocada, por ela, no seu ninho,
Como a ideia de estrela
Baixou à Terra,
Numa gota de luz,
Sempre através da noite.
E a ideia de água
Brotou das fontes murmurantes...
E a ideia de ar nasceu dum hálito,
Que agita as folhas,
E nos alegra e vivifica.
E a ideia de árvore evolou-se
Da sua flor já fruto,
E do seu fruto ainda flor.
E eis o meu platonismo
Antiplatónico,
Que eu sou anticristão
E de Jesus.

INDECISÃO

Vivemos, hesitando
Entre a vida carnal e a supervida
Do nosso espírito.
Somos gerados
Em duas madres,
A que semeia e a que recolhe;
A que fabrica o linho, e aquela
Que talha a túnica.
A túnica da alma
É o corpo.
Quando ela a despe, em alto monte,
Resplandecemos.
Foi num instante assim
Que eu vi a Eleonor
Na maronesca
Montanha lusitana...
E vi *Adão e Eva,*
No Paraíso.
E a *Minha Aldeia,*
Essa igreja sem tecto,
Só altar-mor, ou só Ladário,
Quando o Outono é o fantasma

Pagão de Cristo.
E o sol poente é o deus Apolo,
Crucificado.
E vi *Paulo* na estrada de Damasco,
Sob o relâmpago celeste
Do seu remorso.
E vi *Jerónimo*
Na gruta de Belém,
Com os olhos pousados
Numa caveira.
E vi Napoleão, sobre o penedo
De Santa Helena.
E vi Santo Agostinho seduzido
Pelo Pecado criador...
E outros fantasmas que vieram
Ao meu encontro:
Chamei por eles;
Chamei, gritei. Ouviram
A minha voz, a voz
Da inspiração.

A MINHA SOMBRA

A minha sombra me perturba.
Penetra-me na alma,
Escurecendo-a,
Que a minha alma é paisagem,
E é noite a minha sombra.
Vejo a fundura
Nas superfícies,
E a superfície nos abismos,
E no plural o singular,
E Deus nos Deuses.
Não há cegueiras visionárias,
Em que atingimos
A plena luz?
E o negro do passado
Se desvanece,
E o do futuro.
A nossa alma
Tem duas asas,
Uma de mocho,
Outra, de cotovia:
Aquela, estende-se através
Do tempo que passou;

E esta, através do tempo
Que há-de vir.
O luar prateia o nosso berço,
E a aurora doira-nos o túmulo.
Túmulo e berço, luar e aurora,
Princípio e fim, quem os distingue?
Mas, nesta confusão,
Eu adivinho
Que tenho, em vida, a eternidade
E o infinito...

LOUCURA

A Natureza
Dá-nos o instinto
Conservador.
E somos todos
Ou assassinos ou suicidas.
E deste modo pervertemos
O que é tão íntimo e perfeito
Nos animais.
Tal perversão revela
A nossa fantasia,
Que nos eleva e nos degrada.
E nos converte
Em deus Apolo
Marmóreo bloco;
E em álcool o teu sangue
E as tuas lágrimas, ó Cristo!
É Baco a transformar
Comédias em tragédias.
E, presidindo ao teatro grego,
A sua máscara
É a do terror, que tem, nos olhos,
Aquele olhar da Doida
Ou da Quimera.

Loucura, irmã da embriaguez!
Vento que impele as almas,
Exasperando
Esses sonhos de Deus
Ou pesadelos de Satã.
Deus e Satã, o mesmo Ser
Com duas faces,
A branca e a negra,
A do verbo encarnado
E a do silêncio
Anterior ao verbo,
Mas grávido de toda
A etérea música,
Ou desse Fado que preside
Ao despontar das lágrimas acesas
No Firmamento.

Ó Fado Hilário!
Ó sinfonia do crepúsculo
Infinito!
Ó canto das esferas!
Ó *Desterrado* do Soares dos Reis,
Disperso em mística harmonia,
Por toda a abóbada celeste!

Enquanto, no Penedo da Saudade,
Se não erguer, Hilário, a tua estátua,
Não será Portugal a terra sacra
Dos lusíadas!

POBRES E RICOS

Na pobreza é que os pobres são Jesus;
E os ricos na riqueza
São o Demónio.
E porque existem
O pouco e o muito
Existem pobres e ricos,
Pobres de espírito, à São Pedro,
E milionários, à Voltaire;
Os apoplécticos e os tísicos,
Esses que deitam, pela boca,
Seu próprio sangue,
E os que vomitam o de Cristo,
De mistura com postas de Neptuno
E do deus Fauno.

ONTEM E HOJE

Roubemos à Poesia o que ela tem
De essencial e verdadeiro,
E ela apenas será qual barafunda
De palavras loucas...
E cínicas... e cínicas...
Lira feita em pedaços!
Orfeu depois de esfarrapado
Pelas Bacantes!
E eis a Pintura só borrões,
E toda em cacos a Escultura.
E toda a Música em ruídos,
Urros e berros!

Mas, ai, o jogo
Do futebol
É uma paródia
Do que se passa
No firmamento.
Porque os astros gravitam, impelidos
A pontapés de olímpicos Titãs.
E, quantas vezes,

O nosso mundo treme
Como abalado por um couce
De algum *Cavalo,*
Irmão da *Ursa*
Bordada a estrelas, no Infinito.

A confusão das almas que trabalham
Na torre do Futuro, essa Babel!
Ateus que invocais Cristo!
Cristãos cuspindo-lhe no rosto
Ensanguentado!
E demónios no céu, anjos no inferno!
Homens nas selvas, e macacos
Em pleno boulevard! Que humanidade
Feita macacaria darwinista,
A saltar e a guinchar
Nesse Jardim das Plantas!
De tal maneira nos rebaixamos
À mesma altura
Dos asnos e dos porcos.
Que imitação infame
Do *Cântico do Sol,* ó São Francisco!

Sempre lutei pelo conceito
Adâmico do homem.

Ou pela sua distinção
Espiritual.
Não o elegeu a Natureza
Para ser ele
A sua própria consciência?
Não é nele que o Sol
Contempla a sua luz,
E, a si mesmo, se conhece?
E é nele ainda
Que Deus é Deus...

ORIGEM

A origem deste mundo
É apocalíptica.
E já, no céu, fulgura a espada
Do Anjo do extermínio.
E é apocalíptica a nascença
Da Humanidade.
Como é doido e sublime
O teu Poema, João de Patmos!
Que temporal de arcanjos
E de animais fantásticos!
Que pesadelo de oiro
E pedrarias,
Essa Jerusalém
Celestial!
E aquela estrela incendiária
Que há de abrasar a Terra!
Ó Poema da loucura!
Mas a loucura é a mãe do génio,
E preside à conversão
Do macaco da selva
Em cidadão ateniense...

O INFERNO

Antes o ser do que o não ser!
Antes o Inferno do que o Nada!
Mas o Nada e o Inferno,
Se dissolvem
Na lágrima final
Em que a tragédia desta vida
Se expande eternamente
Num infinito alívio!
E, abrangidos por ela,
Brilham todos os risos
Da negra noite...

O ETERNO

Perante o eterno
Só vejo a eternidade.
E a Humanidade vejo
Perante os homens.
Vendo uma rosa, vejo Flora,
E o Júpiter Tonante
Nas trovoadas do Marão.
E um reflexo do sol,
Nas águas do meu tanque,
Dá-me o retrato
Do deus Apolo,
Encaixilhado em pedra.
E o que há de Ninfa,
Ao luar, na minha fonte,
Alveja, além,
De líquidos murmúrios,
Num silêncio
Que é de prata.

FELICIDADE

Ninguém suporta
A felicidade,
Que nos dispersa
Em névoas de quimera.
Mas a desgraça nos concentra
Em nosso ser. É uma chamada
Ao mais profundo de nós próprios.
Somos, no riso que se eleva,
Imagem vã.
Mas somos nós,
Em cada lágrima a cair
Dos nossos olhos.
Estamos na alegria,
Como a alegria está no sol,
Aquele espelho onde ela brinca,
Encantada em si mesma
E à flor das cousas.
Mas, sofrendo, baixamos
Ao coração do Abismo.
E adoramos, por isso,
O desespero,
Que nos crava, na carne, as ígneas garras,

E passeia, descalço, sobre as brasas,
Antegozando as chamas infernais.
E Cristo adora a Cruz,
Como o Anti-Cristo aspira
À bem-aventurança,
Límpido lago a reflectir o céu.
Vede o Anti-Cristo e Cristo
Num só doido,
E vereis, ó meus tristes semelhantes,
A vossa estátua modelada,
Por mãos de lume, em neve!
Ó dor alegre! Ó juízo na loucura!
Ó paz na guerra! Ódio no amor,
E o tudo em nada. E numa gota
De água, o Dilúvio,
Com a Arca de Noé,
E dentro dela, a Fauna, essa Leoa,
A encher de tigres
A arena do Infinito,
Cheia de mártires também,
Para espectáculo dos Deuses.

VENTO E CHUVA

Venta e chove.
As árvores têm gestos
De viúvas,
Na penumbra nocturna,
Que um luar enublado
Trespassa, a medo.
Adivinhamos,
Além das nuvens,
A Lua pálida,
A vera efígie
Da noite morta.
Vista através dum telescópio,
Lembra a maquete deste mundo,
Em gesso branco,
Lançada fora,
Ou para o espaço,
Pelo escultor.
Logo ficou a gravitar
Em volta deste crânio
Em que habitamos, quais lembranças
E quais remorsos:
Estes, de Deus,
Aquelas, do Demónio.

O POETA

O poeta, concebendo
A divindade, diviniza
O nosso mundo;
E faz brilhar a luz eterna,
Na candeia mortal
Que é o corpo humano.
E as nebulosas são auréolas
Que circundam a fronte
Do criador. E a Cruz do Sul
Parece erguida
Num etéreo Calvário,
Como simbólica do drama
De Jesus.

DISTÂNCIA

Ó mágica Distância,
É por tua virtude
Que o Sol é Apolo.
E cada píncaro serrano,
Nas tuas mãos,
É um ramo de lilases.
E, em ti, o céu pousa na terra,
Ante os meus olhos de menino.
E a tua arte
Converte em música
Os gritos e os estrondos.
E em teu louvor, os astros
Estão parados, num sorriso...
E num palmo de treva,
Entre dois pontos luminosos,
Metes milhões de léguas.

Ó mágica Distância.
Nuvem e Juno, Mãe dos Deuses.

TRINDADE

Ó alma humana! Ó multidão!
Mas presidida
Por um tirano
De Siracusa,
Ou por um César,
Esse *Ego* terminante,
Do mesmo bronze,
Ó Rómulo, da loba
Em que mamaste.
Manda no mundo
E obriga o rei dos astros
A regular a sua marcha
Pelos ponteiros de um relógio.
E obriga o espaço
A obedecer ao metro,
Como a balança ao peso
Dos meus pecados.
Mas as virtudes são imponderáveis
E, por isso, nos levam para o céu...

O espírito, em verdade,

Não nos pertence.
Existe, em nós, ou numa casa,
Feita por ele mesmo,
Desde a madeira às portas,
E desde as pedras às paredes.
Só lhe interessa o panorama,
Que ele contempla das janelas.
A casa deixa-a, quase sempre,
Antes de ela cair
Em trágicas ruínas,
Que ainda persistem,
Como o templo da Virgem
Na sacra Helénia.

Mas a nossa alma só nos deixa,
Na hora suprema
Da nossa morte.
Pobre esposa do corpo,
Amante e maltratada.
À semelhança
Dessas loucas de amor,
As indianas,
Deita-se na fogueira
Em que o marido
Arde como cadáver.

Se o espírito é divino,
É humana a alma,
E o corpo um animal.
Corpo ou porco,
As mesmas letras,
Na língua portuguesa.
Abre um porco, e verás
Teu corpo, diz o povo.
Eis a ciência franciscana
Que temos de nós próprios.
E nos olhos do cão
Transluz o nosso
Mais puro sentimento.
E quando ouvimos
A música dos astros,
É que roubamos as orelhas
A um gerico.
E se, no espaço, descrevemos
Um fino gesto,
Não somos nós,
Mas, sim, um lírio
Que, de repente, desabrocha
Em nosso ser.
E se uma lágrima de alívio
Nos ilumina o rosto,
É porque a deusa Aurora

Nos ofertou
Uma das pérolas
Do seu colar.
E nessa pérola transluz
A alegria das cousas,
Mais antiga
Do que as *lacrimæ rerum*
De Virgílio de Mântua,
Antepassado
Do Poverelo...
Que síntese suprema
Da alma pagã e da cristã
O *Cântico do Sol!*

CONVIVÊNCIA

Cada homem pertence
À sua espécie e a todas as espécies.
É ele, aqui e além:
Aqui, ou todo estátua em osso
E carne viva;
Além, todo fantasma ou multidão...
Multidão simiesca, *estátua* adâmica.
É uno e multidão,
Racional desde a Bíblia
E, desde a Selva, irracional.

Sou eu e a turba. O meu vizinho
É ele e a turba. Entre nós dois
Existe o perto
Em que nos destacamos um do outro;
E no remoto
Nos confundimos
Num Ser indefinido...
É Ele ou Ela? Deus ou Deusa?

No próximo reside
O tremendo conflito
Da convivência.
Estalam ruídos agressivos,
Brilham gestos em lâminas de faca,
Rebentam bombas!
Os gritos rasgam
O ar azul, e a tua sombra,
Ó silêncio da noite!
Mas, na distância,
Ressoa a música dos astros,
Para os herdeiros de Platão,
Esses poetas
Ou esses místicos...
Sem misticismo a nossa vida
É apenas existência,
Objecto e não sujeito,
Qualquer carro sem bois ou sem cavalos,
Que os cavalos são padres na Germânia,
E os bois no Egipto. E o cão é sacerdote
De Diana. Uiva em latim,
Quando a Deusa aparece, no horizonte,
Tão muda e lívida, que gela
De branco o panorama...
E os gericos da Arábia não avistam
O Anjos do Senhor?

A convivência
Ninguém a deu ainda,
Em prosa ou verso.
O próprio Ibsen,
Se, porventura, a desenhou,
Foi nos *Espectros*.
E relampeja
No *Dom Quixote*,
Na sua luta
Contra os moinhos
E contra o vento que os movia.
A luta pela luta, e nada mais.
Vede o espectáculo,
A tragédia do Nada,
Que deixa as de Ésquilo
Na sombra.

O LONGE E O PERTO

O perto é vivo, o longe é morto.
A morte é na distância,
Em nós, a vida.
A vida é o tempo que voa,
A morte é a eternidade,
Negra e parada, nesse
Distanciamento,
A circundar homens e sonhos,
Ondas e nuvens
De um mar e céu que se confundem
No Poema dos lusíadas,
Que é Neptuno,
Como a Bíblia é Jeová.
E quem sou eu?
O doido e a morte, a *Esfinge*,
A *luz da Lua*
E o pobre tolo,
Na tua ponte, ó São Gonçalo.
E que tristeza etérea
A minha infância!
E negra a juventude.
E na velhice uma ternura

Quase infinita, porque abrange
O inferno e o paraíso.
A cada instante,
Faleço e ressuscito.
Sempre a nascer e a falecer.
Sempre do berço para a cova,
Da cova para o berço.
E já não sei quando estou vivo
Ou morto...

O MEU FANTASMA

No meu vulto fantástico divago
Por estes montes
Da minha infância,
Ao luar em que se esculpem,
Como em fluidez marmórea,
Várias figuras do passado...
Velhos campónios
De suiças já grisalhas;
Velhas viúvas,
E raparigas e rapazes;
Jovens encarnações do amor pagão,
Entre múmias católicas da morte.
Antigos mortos a viver
Povoam esta paisagem,
Que muda logo de aparência.
Pois cada aldeia
Nos mostra a cara
Dos seus filhos.
E a nossa alma impõe-se às cousas,
E elas choram, Virgílio, as tuas lágrimas.
E que é a tristeza do crepúsculo?
Não mais que um reflexo

Da nossa mágoa.
Quem não vê Tardinhade enlouquecida,
Ou toda Viscondessa,
Em torvas noites, quando sopra o vento
De antros da Loucura?
Quem não vê Meios,
Toda velhinha e santa Dona Engrácia?
E Outeiro em ruínas,
Ou toda Dona Eusébia
Com o alto pente
De tartaruga
A cair-lhe da trança que, de súbito,
Lhe embranqueceu?
E quem não vê a nossa igreja,
Toda padre Guilherme
E a sua triste
Sobrecasaca,
Desbotada,
Com os botões
Cada um em casa alheia...
E um ar simpático e profano
Na sua eclesiástica pessoa:
Um padre à Paulo, não à Pedro.

Todos os mortos ressuscitam,
E as próprias cousas.

Esqueletos e pedras se convertem
Em vivas criaturas.
E em sacerdotes os pinheiros
Que, à tarde, rezam
O seu eterno Breviário...
E os mochos piam:
Vai alta a Lua...
E a cotovia canta:
Aleluia...

Estarei no passado ou no presente?
Vejo dois mundos,
Que me parecem
Um mundo apenas.
E a minha fonte é ela, antes de Cristo,
Ou no meu tempo fabuloso,
E é ela, nesta hora,
Em que me mata a sede...
A mesma fonte, a mesma Ninfa.
Um veio de água
E o quer que é de vivo, e cintilante,
E murmurante, a revelar-se
À nossa fantasia,
Como divina Imagem,
Recortada em frescura,

Acesa em riso,
Como a nascer
Do escuro íntimo da terra
E do esplendor celeste.

PARAÍSOS

Temos dois paraísos: o da infância
E o da velhice;
O da flor e o do fruto,
O da loucura e o da razão.
O Jardim e o Pomar,
A Primavera, Deusa helénica,
O Outono, Deus da Ibéria.
O resto é Inverno até à Groenlândia
E Verão até ao Cabo.

TRANSMIGRAÇÃO

Tortura-me esta ideia
Transmigratória
De já ter sido ou ser ainda
Insecto ou mosca...
E descendente
Das que pousaram
Na tua calva, ó mestre Darwin.
Que a origem das espécies
Está ligada ao Credo de Pitágoras.

Se derivamos
Dos outros animais,
Que, em nós, existem
Como lembranças,
É bem possível
Que uma dessas lembranças ganhe, em mim,
Tal energia
Que fique a ser meu próprio ser.
E eis-me a voar, zumbindo,
E a atormentar a calva
Dum pedagogo.

Ou a sugar
Duas gotas de sangue nas lanzudas
Orelhas dum gerico...
E direi que estas gotas me convertem
Nesse animal da Arábia,
Em que montava o Balaão.
Por isso, eu vejo, como burro,
O que ele nunca viu como Profeta.
E eis a tragédia
Dos inspirados.
Desde um triste Joaquim
De São João do Tamega
A um Isaías do Sinai.

ANTES E DEPOIS

Ah, tudo é antes e depois
No mesmo instante.
E eis a noss'alma
Ou esse grito a percutir-se
Em dois sentidos:
No do futuro que escurece,
E é já o túmulo do sol;
E no de outrora
Que se ilumina,
E é o sol que nasce.

A minha alma já foi carne,
E a carne se fez verbo.
E eis o contrário do Evangelho
De São João,
O do: *In principio*
Erat Verbum.
Deus encarnou em Homem,
E este num Deus se desencarna.
Que somos nós? O entendimento
Da Divindade,

Como entendemos que, sem ela,
Seria tudo igual a nada,
Um oito morto igual a zero...

Por milagre da nossa consciência,
Nossa *Senhora dos Milagres*,
É que existem as cousas
E os seres vivem.
Criou o espaço e o tempo.
Do temporal surgiu o eterno,
E do espaço o infinito.
Ou este e aquele se amesquinham,
Traduzindo-se em palmos e minutos...

Se o nosso corpo
É apenas uma
Dimensão da nossa alma,
A dimensão de Deus,
Humanizada, é Jesus Cristo.
Mas os Deuses humildes
Do Paganismo,
Já eram franciscanos.
E encarnaram, por isso,
Em simples animais,

Como, por doido amor,
Num touro alado o Júpiter Tonante.
E tais Deuses tiveram grande culto
Na antiguidade.
O próprio Heródoto,
Para assistir, no Egipto,
Aos funerais dum gato,
Viajou, durante uma semana,
Através do deserto,
Montado num gerico.
Mas creio bem
Que os mais simpáticos felinos
Foram divinizados pelos ratos.
E o boi pelos campónios;
E o cão divinizou-o a nossa porta,
Como as portas de Roma
Divinizaram
Aqueles gansos
Do Capitólio.
As próprias pedras foram Deusas.
Vede à *Pedra do Leite* suceder
Nossa Senhora
Do mesmo nome.
E eram, no mar,
Tão numerosas como as ondas,
As Nereides.

E eram, nos bosques,
Tantas as Ninfas, como as árvores.
E para encher o céu, de dia,
Bastava Apolo.
E Diana, em certas noites,
Inunda a abóbada celeste
Da mais silenciosa palidez.

Mas que tragédia
A deste mundo envelhecido!
De toda a imensa multidão de Deuses,
Resta um Cadáver amarrado
À Cruz.

ORAÇÃO

O Outono é Primavera
Frutificada. E o sentimento
Do amor,
Cristalizando,
Tornou-se incandescente.
É o coração aceso
De Cristo,
O novo sol.

EL CRISTO

Há horas em que a nossa comoção
Nos brota, cá de dentro, como sangue
Duma facada. E tinge de vermelho
O verbo dos Profetas.
E *el Cristo Rojo* resplandece,
De pé, transfigurado,
Sobre um penhasco asturiano
Ou do Tabor...

HILÁRIO E NOBRE

O mais etéreo do teu Fado, Hilário,
As suas últimas nuances,
Que parecem
Alcançar as estrelas,
Enchem de alma lusíada o Infinito.
O mais etéreo do teu Fado
Misteriosamente se desprende
Dos mais íntimos versos
De António Nobre. O Hilário e o Nobre.
O Fado, o Só, As Despedidas.
E, à luz da lua,
Oliveiras ou freiras
De Santa Clara.
E, já fantasmas, no crepúsculo,
Ou monges crúzios,
Os velhos choupos do sacro rio.
Mais o Penedo, esse Altar-Mor,
E o Choupal onde as árvores
São ninfas místicas...
Toda a paisagem de Coimbra
Evolada no Cântico dos Cânticos
Da nossa Bíblia.

O Génesis está
Nas *frols do verde pino,*
Que semeadas foram
Por São Dinis, esposo
De uma Princesa de Aragão.
E o Novo Testamento,
Frei Agostinho,
É na *saudade minha! Luz divina!*

ALMA LUSÍADA

Alma lusíada
Rezando, canta,
E até blasfema.
As suas preces
Entoam nas Alturas
E nas Profundas,
Que Deus é ele e Lúcifer,
O além do mundo é o céu e inferno,
Lágrima e Riso,
De que descendem
Risos e lágrimas.
Reza e blasfema, em plena igreja
Que tem um tecto azul
E altas paredes montanhosas...
Canta em pleno silêncio,
Vive em plena morte,
Porque ela é Alma Plena...

E bebe, bebe,
Naquela fonte donde nasce
A água ainda em névoa.

E onde essa fonte
Murmura é na distância.
E o seu murmúrio
É a música dos astros,
Que chega a nós, em ondas emanadas
Do tenebroso Caos.
E penetram na testa de Beethoven,
Como caiu, aos pés de Newton,
O fruto da ciência.

O céu e o inferno,
O mesmo lume.
Queima, de perto;
De longe, aquece...

Só a distância é que nos dá
Essa ilusão platónica
Da Harmonia,
Em que as estrelas brilham, como lágrimas,
Na escuridão da nossa angústia.
E a distância nos dá essa infinita
Visão de Deus, que Deus,
Junto de nós,
Ou é pintura
Ou escultura.

NÚMERO

A Humanidade é o maior número,
Não o melhor; — A quantidade
É que é montanha e mar.
E a qualidade,
No mar e na montanha,
Ou é pastor da Arcádia
Ou pescador do Tibre...

Jesus é Ele e o Próximo;
E São Francisco a multidão,
Ele e o Remoto.
E temos dois Jardins:
O zoológico ou das *Plantas*,
Em Paris,
E o do Éden, na Bíblia.

AFLITOS

Rezadas súplicas
Por multidões aflitas,
De olhos no céu, e ajoelhadas
Naqueles ermos
De Santa Iria!
Rezam, gritando!
Fazem tremer o Nada,
Como na frase de Camilo.
E o Nada treme,
Porque é uma onda indefinida...
E as almas são apenas
Palpitações da Onda.
Mas cada palpitar
Como que aspira
A definir-se
Num ser perfeito.
E o nosso drama
É esta aspiração, este desejo
De sermos nós,
Em água e onda, em corpo e alma.
Mas só a onda é verdadeira,
Esse tremor do Nada,

Pois o que treme só existe
Como tremor...

Que é um ser vivente?
Sombra de Fauno.
E esta rosa
Onde ela está
Não é nas suas pétalas vermelhas,
Mas no vermelho dessas pétalas,
Nesse alvor que nos sugere,
O teu retrato, ó Flora!
E a Bruxa está no teu fantasma,
Ó Goya!
E a Virgem, Rafael,
Está na sua auréola...
E um lírio não é nele,
Mas nos longes em flor.
Nem Deus é nele, mas no místico
Sonho dum bípede
Implume,
Não esquecido de voar,
Isto é, do céu...

AS SENSAÇÕES

As sensações
Que nos provocam
As cousas da Natura
São elas próprias integradas
Em nosso ser,
Pelo processo milagroso
Porque o sol cabe
Numa lágrima.

E é tudo a nossa alma:
O céu e a terra
Deus e o Demónio.
E todavia
A tentação moderna
É ser um auto,
A queimar gazolina
E a produzi-la.
Libertos pelos sábios
Das penas infernais,
Os mesmos sábios nos lançaram
No terror do Nada.

A VIDA

A vida será digna
De ser vivida?
Ou somos nós
Indignos de a viver?
Indignos somos
Porque a estragamos,
A cada instante.
Sujamos essa luz
Que, em nós, fulgura;
Luz de milagre,
A iluminar o espaço,
E a esboçar,
Para além dele,
O infinito;
E para além do tempo,
A eternidade.
E humanizamos Deus,
O Santo Espírito,
Crucificando-o.
Que o ser humano, abrindo os braços,
É a própria Cruz, a Cruz-Modelo,
E o mundo é só Calvário.

Não merecemos, não,
O dom da vida,
Esse génio sublime
Que inventou tudo para ser
Um ser vivente.
E não existe um rouxinol
Que seja indigno do seu canto.
Nem há lobo que seja
Indigno dos seus uivos
Percutidos na lua,
Mais morta ainda
Que a Arábia Pétrea.
Quem nunca divagou
Ao luar da Terra Santa
Não sabe o que, em paisagem,
É a tristeza...
Nem o funéreo horror
Em que se esculpem
As fragorosas praias
Do Mar Morto.

DESEJO

Tudo que existe, existe apenas
Como desejo de existir.
E este desejo
É todo o nosso ser...
Não mais do que um esboço,
Ou fumo ou névoa...
E, em si, contém
O céu e a terra,
Que os nossos pés
Pousam no chão,
E, no ar, andamos
Com a cabeça.
E o nosso pensamento
Deixa, atrás dele, as últimas estrelas...

PIETÁ

O problema de Deus
É o do espaço.
É nele que se esconde
O *não* e o *sim*
Da sua mística existência.
Só depois
De todo o espaço desvendado,
Poderemos saber se Deus existe.
Mas, decerto, jamais o saberemos.
A incerteza de Deus será o eterno
E humano drama.
Entre a certeza
E a incerteza, oscila
O meu espírito.
Mas a minha vontade o faz parar
No pólo positivo, esse penedo
Da saudade,
Que o negativo é feito de vazio,
Esquecimento ou nada.

Deus existe?

Sim, uma vez,
Mil vezes, *não*.
Mas, neste sim é que devemos
Firmar o nosso Credo,
Como se firma a Cruz sobre a caveira
Do Adão mosaico.
Basta um *sim*, esse grito, essa pirâmide,
Essa Babel a conquistar o céu,
Para que baixe o céu à terra;
E, a cada homem,
O Homem ou Jesus;
Jesus sem Cristo,
Amor e não Senhor.

Que somos nós? A consciência
Universal.
Que seria de Deus e das estrelas,
Sem essa Deusa?
Deusa da Luz da luz, perdida
Na escuridão sem fim!

Creio num *sim* a arder,
Entre *nãos* ou candeias sem azeite.
Um *sim* que é luz e voz

No silêncio,
Aquela esfera,
Que abrange as lágrimas da Música
Ouvida por Platão...
E as súplicas da Angústia
Que, subindo das almas,
Trespassam o Infinito, violentando
A tua mudez, Esfinge!

O sim é um grito terminante,
Um grito em brasa
Deslumbradora!
Mas um murmúrio
É sim e não, é luz e sombra,
A sacra Imagem do crespúsculo,
Da hora matutina e vespertina,
A Pietá.

Ó piedade da Mater Dolorosa,
De ti nasceu
A alma cristã!
Antes dela reinava o deus Apolo
Todo estátua de mármore. As estátuas
Quebraram-nas os monges;

Mas ficaram, de pé, à luz da lua,
As suas brancas sombras,
E o mundo anoitecido.

Jesus é a tua sombra, ó deus
Apolo! Um deus luar...
Que, sem nos esconder
A terra em que existimos,
Nos mostra aquela
Em que vivemos.
Existimos no espaço, mas no tempo
É que vivemos. E, portanto,
Aspiramos a ser eternamente
E no infinito!

Sabemos todos
Onde começa e acaba
O nosso corpo.
Mas quem sabe onde finda e principia
A nossa alma?
Falai, ó mestres da Sorbonne.
E vós, analfabetos
Da minha aldeia!
É nas mãos da ignorância

Que eu vejo aceso o facho da ciência...
E o das Bacantes resplandece
Nas vossas mãos, ó Freiras, que bebeis
Água da fonte...

A nossa vida abrange
Toda a existência; e se prolonga ainda
Através de uma noite,
Na qual parece anunciar-se
Não sei que vago alvor harmonioso.
E julgo ouvir
O Fado Hilário,
Saudoso canto
Que ressuscita os mortos!
Converte em névoas os penedos.
Modela as nuvens, revelando
Os seus perfis de Deusas.

Ó sagrado Boémio de Coimbra,
Cantas, no céu, aos Anjos,
Pois não mente o Poeta de *Jesus*.
Entre o *Cantor*
E o *Cantado* não pode
Deixar de haver

A intimidade mais perfeita.
Mar e Camões — o mesmo deus Neptuno.
Gomes Leal e Cristo — o mesmo Pobre
Crucificado.

E, como outrora, Hilário,
O teu canto subia
Das margens do Mondego, até aos astros,
Agora desce à terra,
Em certas noites de desmaio
E etérea mágoa.
E ficamos a ouvi-lo,
Como encantados
Num êxtase sem fim.
E se um tal êxtase
Ganhasse vulto,
Seria o da Saudade, a Virgem Mãe
De São Francisco,
A Pietá.
Ó Piedade! Ó música dos Anjos,
E das esferas!
Ó mística Distância!
És Deusa e Céu, como Diana
É Lua e Deusa...
E um teu milagre

A conversão do ruído em harmonia.
Mudas em Zéfiro o ciclone,
O inferno em paraíso.
E a tua sombra
Tocando a rústica paisagem,
Embebe-a de alma.
E da paisagem se alevantam,
Num só vulto,
Jesus e Apolo
E a Vénus de Platão transfigurada
Em Mãe de Deus...

Só tu, Distância, abrandas essa luta
Entre a matéria e o nosso espírito,
Entre a fatalidade e a liberdade.
E nem a liberdade quer ser livre,
Nem a fatalidade ser fatal!
Quem está vivo apela para a morte.
Mas os mortos não querem
Ouvir o som relampejante
Da Trombeta.
O que eles querem é dormir,
Dormir, dormir, eternamente,
Nos teus braços, ó Virgem.
Ó Pietá!

Ó Pietá! Ó sacra imagem
Da Distância,
Que sustentas, ao colo,
Esse defunto universal — o Cosmos.
E todos nós sentimos
O peso desse morto.
Todos nós, desde aquele
Aleijado e ceguinho,
Ao Isaías, o Profeta bíblico,
Que trazia, à cabeça,
As fragas do Sinai,
E, na cabeça, Jeová.
Ó tragédia das tragédias!
Este nada que somos
Em luta acesa,
Para que tudo seja um grito, ao menos,
Que petrifique
Como os três gritos
Da Esfinge ou as Pirâmides.

Ó gritos de alma trespassando
O corpo da Existência!
Todo em tremuras de ondas irreais...
Um jogo de miragens e reflexos
E de outras áureas ilusões da luz,

Nascido do ar que nos sustenta,
À flor da vida,
Pois o seu fruto é já cadáver...
Ó vida, ó mar que ondulas
De encontro à morte!
Mar ou lágrima?
É cada lágrima um dilúvio,
E um furacão cada suspiro,
A rasgar-nos as velas,
Que nós representamos
A nau do Gama em busca de outras Índias.
E a sombra da tristeza apaga o sol.
E a da alegria
Pinta de aurora a cara
Da noite velha.
Ó carnaval! Ó máscaras
Da dor hebraica e do terror helénico,
O inferno de ontem, Isaías,
E o nada de hoje, ó Ésquilo!
Terror e dor, ou ele e ela,
No mais diabólico bailado,
Sem princípio nem fim,
Na infinda Imensidade!
Palco de drama ou de comédia?
Oh, que vazio tenebroso!
Mas, de repente, treme

A arquitectura do Universo!
É a nossa alma em labaredas,
A Doida, a Doida
A cantar alto,
Para que a possam
Ouvir os Anjos
Que estão no céu...
E o seu canto embrandece,
Nas alturas.
E, embrandecendo,
Se torna quase
Infinito, isto é, silencioso,
Que o silêncio prolonga infindamente
O nosso canto.
E eis o silêncio do luar,
Essa divina auréola
Da Pietá.

O Pietá! Ó flor da consciência!
Flor outonal,
Mais bela e pura
Que as flores da Primavera.
Estas são Ninfas,
E Freiras, as do Outono.

Que é o Poeta? O templo
Da Inspiração, a Deusa Mãe
Dos Deuses adorados
Por todos nós, pobres fantasmas.
Vemos, porque choramos,
E rimos como cegos.
Se há luz acesa
É a das lágrimas.
Ó círios bentos,
Só água,
No rosto da Pietá,
Essa divina estátua
Numa capela de São Pedro.
Será possível um artista
Dar a Piedade em pedra mármore?
Nem tu a deste, Miguel Ângelo,
Porque a esculpiste
Em mármore de Carrara, não da Lua.
A Pietá é a Virgem morta
Com o Filho morto;
Morta, mas não de morte,
Que ela o sustenta ainda
Nos seus braços.

PAZ

Como ao terror do Inferno
Sucedeu
O horror do Nada!
A inquietação moderna,
A antevisão
Da cósmica catástrofe,
Prometida
Por sábios e teólogos
Apocalípticos.
Divino Orfeu, vem tu salvar-nos.
Tange, de novo, a lira!
Amansa as feras.
Que o teu cantar volatilize
A estátua em bronze do deus Marte!
E esculpa, em oiro amanhecente,
Sobre o mais alto
Píncaro do mundo,
O Anjo simbólico
Da Paz.

Agosto de 1952

ÍNDICE

ÍNDICE

Banco de Pedra. . . . . pág. 11
O Crime 16
Miséria 17
Velhice 19
Indecisão. 22
A Minha Sombra 24
Loucura 26
Pobres e Ricos 29
Ontem e Hoje 30
Origem 33
O Inferno 34
O Eterno. 35
Felicidade 36
Vento e Chuva. 38
O Poeta 39
Distância 40
Trindade. 41
Convivência. 45
O Longe e o Perto. 48
O Meu Fantasma 50
Paraísos 54
Transmigração 55

Antes e Depois. 57
Oração 61
El Cristo. 62
Hilário e Nobre 63
Alma Lusiada 65
Número 67
Aflitos 68
As Sensações 70
A Vida 71
Desejo 73
Pietá 74
Paz 85

H1560

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
IDEAL, CALÇADA DE S. FRAN-
CISCO, 13 E 13-A, EM LISBOA,
EM FEVEREIRO DE 1953

DISTRIBUIDORES

PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA
Rua da Barroca, 4
LISBOA